

TRABALHO E ECONOMIA SOLIDÁRIA

por Solimar Oliveira Lima*

Há muito, foi dito que o trabalho humano é a fonte de produção de todas as riquezas. A constatação, embora historicamente combatida, expõe, em verdade, a história da organização dos trabalhadores para produzir e da apropriação desta produção por diferentes formas de organização social, isto é, das classes sociais que compõem a sociedade. Sob o secular domínio do capital, os trabalhadores, não possuindo os próprios meios de produção, passam a vender sua força de trabalho. Entretanto, o que recebem como salário não corresponde à totalidade do que o seu trabalho produziu, uma vez que uma parte do produto é apropriada pelo patrão e irá constituir a base do contínuo enriquecimento.

Esta coerção econômica ao assalariamento tem-se fragilizado consideravelmente com o avanço do desenvolvimento das forças produtivas. Contemporaneamente, a perda de postos de trabalho frente às crescentes novas tecnologias tem aumentado o desemprego estrutural. A isto se associa a necessidade de ampliação de consumidores. Forjam-se, então, outras alternativas para a ocupação e geração de renda da classe trabalhadora, ainda principal base do mercado consumidor capitalista. Uma delas - resultado da liberação dos assalariados - é a produção direta independente.

Contudo, a produção independente permite aos trabalhadores uma autonomia frente às relações sociais predominantes, que se baseiam na propriedade exclusiva pelo capital dos meios de produção. Os produtores, em geral pequenos, passam a ter, diretamente, a propriedade dos instrumentos de trabalho e do resultado do trabalho - a produção. Passam relativamente a controlar o processo de comercialização, determinando preços e gerenciando renda. Historicamente, a existência desta produção independente, absorvendo predominantemente a mão de obra, constituiu momentos de transição para outras formas de organização social.

A precarização das relações de trabalho e o processo de terceirização da produção têm fabricado cada vez mais trabalhadores inseridos neste contexto. Uma possibilidade resulta nos chamados empreendedores, **individuais** ou **empregadores**. Investimentos em mídia,

treinamentos e incentivos fiscais e financeiros motivam e multiplicam os pequenos negócios. Fundam-se no idealismo e individualismo como alternativa de melhoria de vida, fortalecendo a ideologia dominante do sucesso e mobilidade social para o mundo da pequena burguesia. Esta pequena produção em nada incomoda o capitalismo, pelo contrário, continua a fortalecer, pela concorrência, o processo de apropriação do trabalho, ainda que o produtor não seja mais assalariado. Esta experiência reafirma um caráter conservador da produção direta independente.

Outra possibilidade é o trabalho associado. A economia solidária é uma experiência de produção direta baseada na cooperação do trabalho, na propriedade coletiva, na autogestão da produção e socialização dos resultados entre os trabalhadores. Esta economia é revolucionária. Não é por outro motivo que a produção solidária, desenvolvida a partir das próprias iniciativas dos trabalhadores, é cada vez mais incentivada pelas forças de mercado e do estado como estratégia de controle. O percurso delineado pela responsabilidade social do capital e pelas políticas públicas do estado tende a transformar a economia solidária em uma experiência complementar ao processo de acumulação capitalista. As ações de contribuição do mercado e do estado à economia solidária apontam para um enfraquecimento de sua força política de transformação. Na linguagem oficial da parceria público-privada, as experiências solidárias já são identificadas como empreendimentos solidários. Este é apenas um exemplo.

A economia solidária enfrenta ainda outros desafios. Vejamos alguns aspectos tendenciais. Na produção solidária percebe-se uma reduzida capacidade produtiva que decorre fundamentalmente da simplicidade da base tecnológica e elevada dependência do elemento subjetivo - trabalho humano. Com produção limitada, e quase sempre com problemas de qualidade frente ao padrão capitalista mercantil, a tendência é a redução da capacidade de gerar renda. O caráter mercantil da produção solidária para se concretizar de forma independente necessitaria de circuito específico de comercialização, o que efetivamente ainda não acontece, visto ser poucas as experiências, além

de muito frágeis. Assim, a comercialização assenta-se no processo comercial predominante, enfrentando a voraz concorrência capitalista. Ampliar a capacidade competitiva no mercado capitalista poderia ser uma estratégia, contudo não fortalece os princípios da solidariedade.

A produção baseada na cooperação igualitária tende a fortalecer vínculos familiares e comunitários, além de recuperar a experiência da gênese do trabalho, que é a socialização. Na cultura originária do trabalho, apenas há lugar para a divisão natural, sem fazer dela base para diferenças e desigualdades sociais. Todavia, a solidariedade é de pequena abrangência - embora esteja presente em quase todos os municípios - e ainda se constitui uma experiência de grupos focalizados e específicos. Em uma perspectiva coletiva, carece de maior aceitação pelo conjunto dos trabalhadores que se mantêm fidelizados aos vínculos e obrigações predominantes no mercado de trabalho.

O fortalecimento da economia solidária, mantendo seus princípios a serviço dos trabalhadores, pressupõe uma compreensão política do não deslocamento do trabalho do coração das relações sociais de produção capitalista. Os produtores em geral, e em particular

o **movimento social**, não devem naturalizar, tampouco positivar o desaparecimento do trabalho do contexto da produção nos moldes preconizados pelo capital. Esta movimentação provoca uma nova alienação do trabalho no processo produtivo, arrefecendo a luta pela emancipação. O capital contemporâneo já demonstrou que o antagonismo de classes não desaparece com a desproletarização. A apropriação do trabalho, ainda que sob novas estratégias, continua a ser o foco da luta de classes. Se outro mundo é possível, não é preciso fazer dele uma reedição do atual. Não se necessita repetir as experiências dos trabalhadores do passado, que acabaram por recriar classes dominantes que seguiram, e seguem, expropriando o trabalho. Para fortalecer a solidariedade na produção e comercialização, um caminho seguro parece ser o de investir nestas experiências que se mostram transgressoras da ordem capitalista ●

* **Doutor em História. Professor do Departamento de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em História e Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Piauí. E-mail: s.olima@bol.com.br**

PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: uma técnica*

por Maria Cristina de Távora Sparano**

O fundamento da experiência de trabalho

Uma das exigências, tanto da graduação em Filosofia como da pós-graduação é a produção de um artigo, um ensaio, um *paper* de conclusão das atividades didáticas, no qual os alunos devem confeccionar um texto com definição clara do tema tratado, honestidade de referências, articulação apropriada de ideias.

Para a concretização desta tarefa, o problema que o professor enfrenta resume-se a uma pergunta inicial: pode-se ensinar a refletir? E, além disso, pode-se ensinar a escrever aquilo que se pensa e quer, realizando na produção um salto qualitativo que vai da simples associação de ideias, da expressão de emoções para um trabalho objetivo

onde aquele que lê ou escuta realmente possa tirar proveito do exposto, isto é, aprender?

Do ponto de vista pedagógico, as vantagens do trabalho de iniciação filosófica para o professor culminam com a apropriação de duas características do pensamento, à primeira vista muito diferentes e até mesmo excludentes: o pensamento abstrato e o concreto, tais quais o **pensar** - problematizar, elaborar conceitos e argumentar - e o **ler e escrever** - confrontar opiniões, teses, e concluir com palavras, frases, num discurso coerente, ou seja, racional, apropriado à comunidade dos falantes à qual se dirige o discurso.

Poderíamos aqui levantar algumas premissas importantes da fundamentação deste trabalho